

## **DEVERES CONSIGO: REFLEXÕES E IDEIAS SOBRE REFORMA SOCIAL NOS ESCRITOS DE ROCHA POMBO**

Camila Roberto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo almeja, por meio da análise de publicações do intelectual José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, 1857 – Rio de Janeiro, 1933), investigar as ideias de reforma social presentes na escrita literária do intelectual, especificamente em seus poemas e fragmentos textuais. Busca-se particularmente compreender como este ímpeto reformista se relacionou com proposições acerca da formação dos indivíduos, da moral e da responsabilidade cívica. Para esta investigação, além da observação sobre o uso de poemas e da literatura como fontes históricas, serão analisados os contextos de escrita e as intenções de seus textos.

**Palavras-chave:** História da Educação, Literatura, Rocha Pombo.

### **DUTIES TO HIMSELF: REFLECTIONS AND IDEAS OF SOCIAL REFORM IN THE WRITINGS OF THE ROCHA POMBO.**

**Abstract:** This article aims, through the analysis of intellectual publications of José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, 1857 – Rio de Janeiro, 1933), investigate the ideas of social reform present in literary writing of the intellectual, specifically in his poems and textual fragments. Our goal is to particularly understand how this reform momentum related to propositions about the training of individuals, of moral and civic responsibility. For this investigation, in addition to the note about using poems and literature as historical sources, written contexts will be analyzed and the intentions of their texts.

**Keywords:** History of Education. Literature. Rocha Pombo.

A prática de escrita literária realizada por intelectuais durante o período da Monarquia à República era uma ação costumeira. Eram jornalistas, políticos e escritores das mais diversas áreas de ensino que possuíam um olhar diferenciado sobre o uso da literatura. Para eles, o uso dessa métrica ficcional, seja em prosa ou poesia, foi um meio de expressão da moralidade, da crítica social e de projetos

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em História (UNIOESTE). Mestra e Doutoranda em Educação (UFPR). Coordenadora do Ensino Médio na rede particular e docente de História (QPM/SEED-PR) do município de Curitiba e RMC. Pesquisadora da Educação primária, apropriação e circulação de ideias pedagógicas do XIX/XX. [camilahist@gmail.com](mailto:camilahist@gmail.com)

educacionais sem estar relacionado diretamente com a sua profissão ou o projeto no qual estava inserido.

A problemática deste artigo encontra-se justamente na possibilidade de análise dos poemas e fragmentos do intelectual José Francisco da Rocha Pombo (Morretes/PR, 1857 – Rio de Janeiro/RJ, 1933), na qual, por meio dessas fontes históricas, busca-se avaliar quais eram os princípios defendidos por ele em relação à formação dos indivíduos, à moral e à responsabilidade cívica. Atuou em diversos espaços socioculturais como o jornalismo, a carreira política, a escrita de livros didáticos e a literatura. E, em todas essas áreas, apesar de não ter se preocupado em deixar uma obra única que explicitasse seus ideais, percorreu inúmeros caminhos e discursos para expor o que compreendia como projeto social e educacional.

José Francisco da Rocha Pombo foi jornalista, legislador, cronista, poeta, professor e historiador. Dentre as funções que exerceu, é considerado um escritor canônico de livros didáticos de História do começo do período republicano brasileiro. As memórias constituídas sobre ele, de igual maneira, apresentam-se como fontes para o estudo do seu pensamento. Assim, ao observar as diferentes temporalidades da sua biografia, seus diversos gêneros e suportes de escrita, compreende-se as contradições, permanências e perspectivas que marcaram em sua vida e suas obras.

Compreende-se Rocha Pombo como um intelectual reformista por ter apresentado propostas que visavam alterações, mas não necessariamente rupturas com o sistema político e educacional vigente. Sua forma de expressão também se enquadrou em áreas difusas, de tal modo que as suas produções, por mais diversas que se demonstraram, apresentaram a coesão nas propostas reformistas. Fundamenta-se a esta noção de reformismo ao que Ângela Alonso considerou sobre as formulações da geração de 1870.

Chamei o movimento de reformismo para enfatizar que, embora cheguem a bradar pela revolução, os grupos contestadores visavam obter reformas estruturais sem a quebra violenta da ordem institucional, sob o comando de uma nova elite. Nesta ambição em

comanda e disciplinar as reformas mantiveram continuidade com a tradição imperial. [...] Os grupos contestadores produziram interpretações do Brasil nas quais os alicerces subterrâneos do status quo imperial eram convertidos em problemas propriamente políticos, exigindo equação. Em resposta à agenda da política aberta nos anos de 1870, produziram projetos de reforma.<sup>2</sup>

Evidentemente que cabem algumas ressalvas ao considerá-lo enquanto um intelectual reformista. Ao analisarmos a trajetória de vida de Rocha Pombo nota-se que apesar de estar à margem dos debates locais e nacionais em alguns momentos de sua vida, buscou o viés reformista como meio de inserção aos grupos e espaços de debates nos quais esteve. Além disso, a ambiguidade de seus posicionamentos ora como representação da sua herança familiar e cultural – como a sua ligação com o partido Conservador e grupos oligárquicos – ora ambientadas em ações influenciadas por linhas de pensamento e escolas literárias – Anarquismo, Socialismo ou o Simbolismo – mostraram evidentes contradições durante a sua trajetória.

Tais discordâncias, aparentemente desprendidas de um sentido contraditório, são observadas com maior clareza a partir das singularidades do texto literário. As análises das obras ficcionais partem do pressuposto de que a linguagem literária possui mais competência para a expressão dos fenômenos sociais. Desta forma, ao analisar esta linguagem, será observado como a partir da prosa e da poesia de Rocha Pombo é possível compreender seu projeto reformista.

### **Literatura como fonte histórica?**

Ragazzini (2001) elucida a necessidade do olhar do pesquisador sobre a escolha e análise de fontes históricas. No artigo intitulado *Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?*, o autor se dispõe a analisar as relações entre a produção do documento histórico e as relações implícitas análise

---

<sup>2</sup> ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.324.

da fonte, bem como o estudo mais detalhado quanto ao seu uso. Segundo Ragazzini, “é preciso revelar claramente todas as relações que compõem a cadeia que leva do sinal do passado ao signo, à significação, à interpretação da história”<sup>3</sup>. Desta maneira, ao observar a história e as dimensões intrínsecas à trajetória do intelectual em todos os campos de atuação, deve atentar-se ao emaranhado de relações sociais e institucionais que as produções podem revelar.

Compreende-se de igual maneira a fonte literária como uma ferramenta de análise como mais um meio de investigação sobre o contexto de escrita do autor. Desde a observação sobre os objetivos da obra e a subjetividade do escritor. Bem como a prioridade de fala dos narradores e personagens, o sentido dado pela escola literária que foi representada, além do processo de criação e consumo expõem os discursos dos quais o autor quis transmitir. Rafael Ruiz, ao considerar a fonte literária como um exercício de análise histórica, ressalta que os historiadores, ao utilizarem a literatura como fonte,

sabem que o tecido da História está feito de uma rede de analogias e interpretações, que partem do texto, do objeto material, do documento, mas que são abstrações interpretativas, porque, no limite da verificabilidade, ‘não sabemos o que aqueles textos e estátuas querem dizer’, mas podemos explicitar o nosso ponto de vista e tentar estabelecer uma rede de relações e analogias o mais abrangente possível que possam vir a dar-nos uma, não toda, explicação daquela realidade histórica. <sup>4</sup>

Jonathan Culler (1999)<sup>5</sup>, ao investigar os alcances da teoria literária na compreensão sobre a literatura ficcional analisou a importância da percepção interpretativa na qual a pesquisa deve se fundamentar. Para Culler o olhar sobre os textos ficcionais é o ponto de convergência encontra-se na interpretação do texto literário. Respeitando evidentemente as possibilidades estilísticas que um texto pode abordar, a interpretação deve partir da leitura atenta do intérprete.

---

<sup>3</sup> RAGAZZINI, Dário. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? *Educar em Revista*, Curitiba, n.18, p.13-28, jul./dez. 2001. p.16.

<sup>4</sup> RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de história. In: KARNAL, Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 91.

<sup>5</sup> CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

O contexto da ficção, [...] explicitamente deixa aberta a questão do que trata realmente a ficção. A referência ao mundo não é tanto uma propriedade das obras literárias quanto uma função que lhes é conferida pela interpretação. [...] Interpretar *Hamlet* é, entre outras coisas, uma questão de decidir se a peça deveria ser lida como uma discussão, digamos, dos problemas de príncipes dinamarqueses, ou dos dilemas de homens da Renascença que estão vivendo a experiência de mudanças na concepção do eu, ou das relações (inclusive as literárias) afetam o problema da compreensão de nossa experiência. [...] Podemos relacionar *Hamlet* ao mundo de diferentes maneiras, em diversos níveis diferentes. A ficcionalidade da literatura separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação.<sup>6</sup>

Também nesse sentido Renato Moscateli (2003), ao observar a importância da interpretação das fontes literárias, considera-a relevante tanto quanto a análise de seus contextos. Ressalta que essa ação interpretativa materializa

um diálogo que se estabelecia entre o pensador de hoje e os sujeitos políticos de ontem, uma relação verdadeiramente dialética de onde nasce o saber. Trata-se, enfim, de uma bela imagem para referir-se ao ato da leitura: ler não é apenas ouvir a fala alheia, mas também propor ao texto uma fala pessoal e interrogativa, como se não se estivesse em frente a um objeto, o escrito, e sim diante de outro ser humano com o qual temos a oportunidade de conversar.<sup>7</sup>

Partindo desse pressuposto de análise, buscou-se considerar a subjetividade inerente à literatura romanesca e na poesia como fontes de investigação para os objetivos de escrita de Rocha Pombo. Compreende-se aqui a subjetividade como um meio de interiorização individual e coletiva apropriada pelo sujeito. Portanto, além dos elementos subjetivos, compreende-se os elementos extralinguísticos, evidenciados no contexto vivenciado pelo intelectual.

A análise do texto poético se diferencia da prosa por inúmeros fatores; por objetivos, expressões e principalmente através do estilo. Mas a principal diferença encontra-se na narrativa, que é descritiva e, por vezes, literal na prosa, em contraposição às expressões conotativas e metafóricas do texto poético. De acordo com Massaud Moisés (1969), o texto poético é metafórico, e o pesquisador

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.38 et seq., destaques do autor.

<sup>7</sup> MOSCATELI, Renato. História Intelectual: a problemática da interpretação de textos. In: LOPES, Marcos A. (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p.50.

que se põe a analisar uma escrita poética deve perceber quais são as metáforas presentes na métrica do poema.

Chegado a esse ponto [de observar as metáforas existentes no texto poético], ele [o pesquisador] terá surpreendido o âmago mesmo do poema, mas não sua decifração total evidentemente. Visto que o poema se constitui numa galáxia de metáforas polivalentes, é imediato compreender que a análise jamais se esgota, salvo se fôr de ínfima qualidade (...).<sup>8</sup>

Moisés ainda exemplifica que a palavra-chave para compreender o poema é a metáfora; assim, a poesia torna-se a expressão do seu tempo de escrita. Majoritariamente, Rocha Pombo escreveu sonetos<sup>9</sup>, uma construção comum do lirismo do período, demonstrando talvez sua tentativa de proximidade e adequação ao gênero clássico.

A entrada de Rocha Pombo no Simbolismo, movimento literário que se destacava no final do século XIX, significou um novo campo de debate para os seus projetos. O intelectual havia se dedicado na juventude com alguns romances, mas foi por meio da inserção na escola literária que obteve o reconhecimento de seu trabalho enquanto escritor. Atendia aos anseios de tentar traduzir, por meio da linguagem mais leve e subliminar da literatura, as suas inquietações diante de seu contexto. Como o objetivo deste artigo está na análise das intencionalidades da poesia elaborada pelo intelectual, a sua participação no movimento literário do Simbolismo não será tratada neste momento.

Seguindo um estilo *romântico*, definia-se como um pessimista ponderado, desiludido com o jogo político local, nacional e buscou a literatura como um outro caminho para expor seu pensamento. Na literatura, utilizou-se de sonetos, poemas, crônicas e romances como meios de expressão. Em seus poemas, associou as considerações acerca do uso da História como modelo e prática de análise sobre as ações humanas. Na escola literária Simbolista, porém, não se eximia de utilizar um gênero textual do período clássico, como por exemplo os sonetos. Não buscou somente o enquadramento no estilo estético do movimento,

---

<sup>8</sup> MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1969. p.42.

<sup>9</sup> Um soneto é uma composição de quatorze versos, com número variado de sílabas, e tem por característica o estilo clássico.

mas transmitiu em seu texto a insatisfação com o período através das sutilezas da literatura. Destacou-se ao perceber que mesmo pertencente a uma escola literária, pôde transmitir seu próprio estilo para demonstrar o seu ideal reformista.

Na obra *No hospício* (1905), exaltou as características necessárias para a reflexão sobre a sociedade e de como, a partir da situação de um internamento, os indivíduos poderiam guardar impressões lúcidas sobre um mundo do qual foram excluídos. A partir disso, proporia projetos e utopias de um mundo mais igualitário.

### **O contexto e seus significados**

As obras literárias de Rocha Pombo, assim como os seus demais contemporâneos polígrafos, eram utilizadas como uma válvula de liberação dos ideais, tal qual conceitua Nicolau Sevcenko (1985), no seu livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. Ao analisar a literatura de Lima Barreto e Euclides da Cunha, Sevcenko compreendeu-as como um meio de desenvolvimento do debate e condução de propostas às reformas sociais necessárias ao período. Além de analisar o cenário de debates do Rio de Janeiro da *belle époque*, investigou as singularidades das propostas desses autores em relação à lógica do uso da literatura como meio revolucionário.

A literatura, franca e direta, evitava quaisquer efeitos de polissemia, no afã de garantir a eficácia e contundência da sua mensagem dirigida. Seu horror ao efeito de facada, ao beletrismo postiço, atesta a rigorosa economia de expedientes e o finalismo decidido que a caracteriza. Nenhum desperdício, controle judicioso dos recursos de expressão, comunicação imediata, temática atual, sentido prático: a forma de composição corresponde estritamente ao conteúdo proposto. [...] Contudo estava longe de ser uma arte meramente instrumental, um veículo suave ou pílula dourada. Guardava ciosa o prodígio da sedução, do encantamento, esse efeito especial de se comunicar com a sensibilidade e as emoções dos homens, quaisquer que sejam as disposições da sua razão.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 232.

Foi na literatura de Rocha Pombo que essas sensibilidades textuais, esses efeitos sedutores, puderam significar sua redenção ao revelar, por meio de poemas ou de falas de seus personagens, o que gostaria de ver realizado em termos de mudanças sociais. Nota-se que a escrita do autor não consistia apenas em críticas, mas em elaboração de modelos a serem observados e seguidos. Retomando assim as palavras de Sevcenko quanto à intencionalidade de interferência social dos autores em suas obras literárias para o período.

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcou na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com a sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir a sua condução. Fruto das transformações, dedicada a refletir sobre elas e exprimi-las de todo modo, essa literatura pretendia ainda mais alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente. [...] Os textos artísticos se tornaram aliás termômetros admiráveis dessas mudanças de mentalidade e sensibilidade.<sup>11</sup>

Ao avaliar como as transformações sociais foram visíveis nos textos de Rocha Pombo, os conceitos utilizados e tipos de reformismo elaborados ficaram mais nítidos. Mesmo sendo impregnados de sensibilidades, ufanismos ou enaltecimentos, consegue-se observar as percepções do autor sobre a moral dos indivíduos e suas noções sobre o civismo necessário aos cidadãos.

Para Sérgio Miceli, que analisou a formação do campo intelectual no Brasil, os intelectuais polígrafos concentraram-se entre a chamada geração de 1870 até os anos de 1930. Tinham como característica versarem sobre diversos assuntos em seus textos e discursos; foram incorporados pela ordem política republicana, o que resultou no prestígio profissional de suas obras; foram colocados como indivíduos competentes para emitir falas e atuações norteadoras; e foram

---

<sup>11</sup> Ibidem, p.237-238.

denominados *pré-modernistas* pelos grupos que defenderam a revolução de 1930, o que de fato causou-lhes certo ostracismo posteriormente.<sup>12</sup>

Para esses intelectuais, no entanto, a caracterização literária era um dos caminhos de transmissão de seus ideais morais e reformistas, por ser uma das modalidades de trabalho intelectual mais rentáveis.<sup>13</sup> Temas como o *desenvolvimento*, o *progresso* e a *modernidade*, apesar de compreenderem os inúmeros discursos que estes termos podem carregar, significavam uma marca desta geração. A partir das obras ficcionais, as intencionalidades poderiam adentrar o campo das falas das personagens, sem necessariamente serem requisitados demais explicações ou debates que as legitimassem. Mas a quem esses intelectuais escreviam?

A parcela da sociedade que frequentava o Clube Coritibano, em sua maioria membros da elite ervateira, buscava entretenimentos diferenciados, como análises literárias, poesia e textos teatrais. Para Rocha Pombo, assim como para os demais escritores ligados a projetos literários, os campos artístico e político possibilitaram o meio de divulgação e definição da consolidação como intelectuais paranaenses. Cabe observar, no entanto, quais seriam os espaços de leitura desta produção e a qual público destinavam-se estas obras.

Os escritos literários, tanto da *Revista do Clube* quanto de *O Cenáculo*, correspondiam a uma atmosfera cultural ideal para a sociedade curitibana. Ter um seleto grupo de intelectuais que representasse este objetivo respaldava o interesse de ambos, tanto do grupo social de leitores quanto para o reconhecimento desses intelectuais.<sup>14</sup> Os espaços dos clubes, encontros e sarais literários firmaram-se como ambientes disseminadores da cultura e do debate artístico.

A busca pela distinção social fez com que tais agentes criassem espaços específicos para seus encontros, como alguns jornais, revistas, instituições de ensino e clubes que possibilitaram sua associação em sarais, bailes, círculos de leituras, entre outros eventos. Desses espaços de

---

<sup>12</sup> MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 54.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>14</sup> MARACH, 2013, p. 55.

sociabilidade característicos do fim do século XIX, o Clube Curitibano foi o que se destacou no cenário paranaense, por fomentar a circulação e disseminação de ideias e discursos e o surgimento de movimentos artístico-literários. Em um contexto de nascente republicanismo e modernização da capital paranaense – modernização propiciada pelo capital ervateiro –, a instituição representava o afã civilizador, o progresso e o desenvolvimento intelectual e cultural do estado [...].<sup>15</sup>

Após as suas primeiras obras teórico-filosóficas e o seu malogrado projeto de universidade<sup>16</sup>, Rocha Pombo ampliou sua participação no campo literário e intelectual. Sua mudança para a cidade do Rio de Janeiro, em 1897, foi decisiva para aumentar seu contato com o ambiente intelectual nacional, ao mesmo tempo que manteve o vínculo com os colegas e amigos da intelectualidade paranaense.

No ambiente do Rio de Janeiro, ele exerceu as modalidades de trabalho intelectual similares às que exercia no Paraná, como aulas particulares e publicação em periódicos. Atuou em diversos meios intelectuais, como no *Correio da Manhã*, professor de História e Português e historiador. Participou do movimento simbolista carioca por meio das revistas *O Sapo* e na correspondência com *O Cenáculo*. Esteve envolvido com a corrente anarquista da *Universidade Popular de Ensino Livre* em 1904.<sup>17</sup>

Rocha Pombo explanava sobre a educação dos indivíduos como uma primeira iniciativa para a obtenção do progresso e da civilidade da nação brasileira. Em seu ensaio filosófico em 1883, a preocupação de exaltar sua formação intelectual como forma de demonstrar erudição descreve: “O meu ideal era escrever, mas para escrever era preciso antes de tudo não perder-me no ridículo – era preciso saber... Que fortuna! Foi a minha salvação. Assim, é bom sempre querer escrever.”<sup>18</sup> E, ainda objetivando demonstrar sua bagagem cultural, Rocha Pombo evidenciou suas referências teóricas ao citar a

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>16</sup> PILOTTO, 1953, p. 21.

<sup>17</sup> SILVA, Alexandra Lima da. Um professor do sul viaja para o norte: olhares sobre o ensino e a circulação de livros didáticos de História. **Em tempos de Histórias**, Brasília, n. 23, p. 160-174, ago./dez. 2013. p.168.; BEGA, Maria Tarcisa. **Letras e Política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba, Ed. UFPR, 2013. p.93.

<sup>18</sup> ROCHA POMBO, José Francisco da. **A supremacia do ideal: estudos sobre educação**. Castro: Typographia do Echo dos Campos, 1883. p.XVIV.

familiaridade com os autores do período, como Darwin, Comte, Büchner, Spencer, Littré e Flamarion.<sup>19</sup> Ele demonstrava também uma definição fundamental para o que viria a ser o seu interesse pela escrita, inicialmente jornalística mas que se estendeu para o campo literário e educacional.

Fui sentindo logo um gosto extraordinário pelo jornalismo. Lia mais os jornais do que os livros. Era preciso ser assim mesmo. Os livros exigem certo assentamento e mais reflexão. E para começar, deve-se partir do princípio... afim de não cançar logo. Tinha eu muito cuidado em possuir as melhores theories a respeito de moral política. Discutia, folgava de expender as minhas ideas e achava que ellas sempre erão as melhores. Veio-me a vontade de escrever. Escrevi durante mais de dois mezes, com muita applicação e muito gosto. Mas escrevia... só pelo prazer de recitar as minhas produções.<sup>20</sup>

A escrita, aparentemente hedonista e despreziosa, representava mais uma tentativa de adequação do seu discurso ao expor os valores morais e políticos adquiridos durante a sua trajetória. Apesar de considerar as motivações de sua escrita como *um prazer de recitar* suas produções, há de se observar que estas reflexões foram resultado do sentimento e identificação enquanto a função de intelectual dentro dos grupos em que frequentava.

Partindo do argumento utilizado por Angela Alonso (2000), ao considerar esse período como um movimento de intelectuais em defesa de suas ideias, o reformismo intelectual e político agitou a geração das últimas décadas do século XIX e início do XX. Assim, mesmo estando politicamente díspares quanto às opiniões políticas, inúmeros intelectuais buscavam um sentido de reforma para o contexto que viviam. Apresentavam suas propostas nos meios que dispunham e relacionavam seus objetivos de mudança social conforme a necessidade de representatividade de seus discursos.

As distinções políticas são mais explicativas do que as filiações intelectuais estritas. O ponto de vista político permite mostrar como liberais e positivistas estiveram mais próximos tanto no diagnóstico da crise (centralidade da escravidão na formação social brasileira)

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. XX.

<sup>20</sup> Ibidem p. X-XI.

quanto no gênero de solução política proposta (reformas pelo alto através do Poder Moderador). [...] A ótica da importação e adaptação de ideias estrangeiras à realidade nacional perde ainda de vista que o movimento recorreu não apenas ao repertório estrangeiro disponível, mas também à própria tradição nacional.<sup>21</sup>

O movimento intelectual a partir de 1870 tecia seus projetos alicerçados na investigação, criação e legitimação de ideias que atendessem aos anseios dos novos grupos sociais do fim do século XIX<sup>22</sup>. Temas como a abolição, reformas do sistema monárquico e a Proclamação da República, a modernização, a educação, a imigração e a industrialização das províncias marcaram o roteiro dos debates em diversos espaços de discussões pelo país. O cenário nacional de novas ideias também estava favorecido no

[...] período de 1870 a 1900, o momento em que a Revolução Científico-Tecnológica se cristaliza, difundindo as novas condições da economia globalizada e seus princípios de racionalidade técnica. Esse efeito globalizante e o 'bando de ideias novas' que o acompanham, iriam articular a inserção do país nesse contexto modernizador e propiciar a gestação das novas elites formadas pelos modelos de um pensamento científico cosmopolita.<sup>23</sup>

Considera-se, de uma geração, os nascidos numa mesma época, pois partilharam experiências semelhantes em determinados grupos dos quais conviviam. Porém, cabe o discernimento de compreender que apesar dos laços de convivência, um mesmo grupo poderia ter sujeitos díspares tanto em idade, em pensamento, ocupações e projetos. Não correspondendo assim às expectativas de compreensão de uma geração, muito menos de uma homogeneidade dos seus agentes.

Esses agentes eram polígrafos, ou seja, atuavam em várias frentes de expressividade para exortar os seus projetos. Assim, como mediadores, além de manifestarem seus projetos pessoais, buscavam a formação de um campo

---

<sup>21</sup> ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. **Rev. Bras. Ciências Sociais** [online]. vol.15, n.44, pp.35-55, out. 2000. p.51.

<sup>22</sup> Idem. Op cit. p. 28.

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_. (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.35.

intelectual para o período. No entanto, compreende-se que em virtude do uso de ambientes e expressões diversas como forma de divulgação de suas propostas e, conseqüentemente, de sustento, não se tem uma caracterização de um campo intelectual brasileiro propriamente definido no final do século XIX e início do século XX. No Paraná, mais especificamente Curitiba e cidades litorâneas, a caracterização e formação de um futuro campo intelectual estava relacionado com as intencionalidades e

a necessidade de construção de uma identidade cultural e de consolidação política dessas elites possibilitou o surgimento de uma geração de letrados que, por exigência das transformações sócio-históricas do período, foram levados a pensar um novo modelo político, o republicano, que melhor atendesse a seus interesses. Nesse contexto, Paris e Londres tornaram-se os símbolos da modernidade, do avanço e do progresso, tanto em termos culturais como em relação aos seus modelos políticos, constantemente referenciados, analisados e comentados nos periódicos locais. Curitiba, como centro do poder do Paraná, tornou-se o local por excelência do investimento econômico e cultural das elites com vistas a aproximar-se cada vez mais da idéia de progresso.<sup>24</sup>

Seus agentes dependiam de trabalhos diversos, eram escritores, jornalistas, professores, juristas, entre outras profissões nos quais podiam opinar, além de suas funções, posicionamentos sobre temas referentes ao contexto em que se encontravam. Rocha Pombo vivenciou intensamente diversos grupos intelectuais do final do século XIX e início do século XX, e de igual maneira, participava dessa categorização enquanto um intelectual de atuação polígrafa.

O próprio Simbolismo paranaense, escola literária da qual Rocha Pombo fez parte, é o exemplo para análises sobre uma geração de intelectuais. Pode-se apresentar enquanto *polígrafa* quanto às ocupações de seus agentes e *ambivalente* em relação aos objetivos internos ou pessoais de cada integrante na composição de suas obras. Problematizando as suas produções, analisam-se as contradições do grupo, passando a observar as singularidades de cada projeto.

---

<sup>24</sup> CORRÊA, A. S. **Imprensa e Política no Paraná**: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p.33.

Nestor Vitor, poeta e intelectual que participou ativamente da chamada geração simbolista paranaense descreveu, na *Revista Terra de Sol*, na edição de julho a setembro de 1924, algumas impressões sobre grupo no qual fez parte junto ao seu amigo pessoal Rocha Pombo.

Certo que o otimismo e o patriotismo daquela geração ainda tinham muito de ingênuos, excedendo ela por demais no que imaginava o sentimento da realidade das cousas. Estávamos longe então de poder medir a nossa real capacidade eficiente: confundíamos-la, e ainda nisto entrando muito exagero, com os nossos recursos naturais. Ignorávamos a ignorância própria, a quase nenhuma capacidade prática que tínhamos para organizar, sequer, um programa de trabalho e de vida verdadeiramente fecundo. Nas festas que se realizavam comemorando o 7 de Setembro e as datas mais gloriosas da guerra, exaltavam-se os oradores numa retórica geralmente oca, que dava em resultado embriagá-los com suas próprias palavras, como ao auditório ingênuo, entre as auriverdes folhas de independência que ornamentavam o recinto, ao som dos hinos pátrios, recamados muitos peitos das condecorações que durante a guerra<sup>25</sup> se haviam prodigalizado, como em tais emergências convém. [...] Formavam-se clubes literários organizavam-se bibliotecas nas províncias, criavam-se jornais com títulos indígenas mais ou menos balofas da ocasião. Estávamos na última fase romântica, na fase condoreira, como depois a chamaram.<sup>26</sup>

Rocha Pombo, apesar de participar ativamente do grupo, era um personagem diferenciado no convívio com os jovens poetas. Tarcisa Bega (2013) analisa que a participação do intelectual ao movimento simbolista paranaense favoreceu uma maior representatividade para o grupo, pois Rocha Pombo era “quase uma década mais velho que o núcleo simbolista do Paraná, [e] terá com eles relações bastante próximas por sua condição de jornalista político”.<sup>27</sup> Ainda analisando a permanência de um intelectual mais velho que os demais dentro do movimento, Bega analisa a contribuição de Rocha Pombo que, apesar da diferença etária, participou ativamente desta geração. Conceito este que pode conter sujeitos de idades diferenciadas, que partilham das experiências em comum, sem necessariamente estar categorizado somente pelo seu nascimento.

---

<sup>25</sup> Em referência a Revolução Federalista (1893-1895).

<sup>26</sup> VÍTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. vol. 3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.60.

<sup>27</sup> BEGA, Maria Tarcisa. **Letras e Política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba, Ed. UFPR, 2013. p.79.

Rocha Pombo juntamente com Justiniano de Mello e Silva, os ‘velhos’ dentro do grupo que escrevem para *O Cenáculo*, não podem ser confundidos com seus fundadores. Foram conclamados a contribuir com sua experiência para a elevação do nível literário local. Mas a ebulição de ideais presentes entre os jovens intelectuais paranaenses, num misto de anticlericalismo, anarquismo, republicanismo e positivismo, reforça uma certa ‘atitude de reserva’ de Rocha Pombo. Isso porque era, por um lado, extremamente vinculado ao jogo de interesses nas instâncias econômica e política local e, por outro, por não pactuar, como protestante evangélico, das posições satânicas que já se manifestavam em Dario Vellozo e Júlio Pernetta.<sup>28</sup>

A participação do intelectual ao movimento também se deu no âmbito dos laços de amizade. De forma diferenciada aos hábitos de seus participantes, Rocha Pombo, apesar de frequentar os ambientes de discussão literária, como os saraus, cafés e reuniões privadas realizadas nas casas dos membros do movimento, possuía outras rotinas mais associadas a uma vida pacata. Nestor Vitor, na mesma coluna anteriormente citada, narra com saudosismo a figura paternalista exercida por Rocha Pombo dentro do movimento.

Casado, idealmente casado, proliferando como um patriarca, de hábitos sedentários, lendo ou escrevendo sempre, para o jornal ou para si, além disso com as preocupações materiais de sua empresa, ele não nos acompanhava nas batidas em que andávamos por toda parte, conforme aquele, por então, mui estreito ambiente permitia, ou até fora da cidade, pelos magníficos arredores curitibanos, ainda coberto de pinheirais, chorões e salgueiros. Quando, porém, nas nossas revoadas, invadíamos a sala de sua redação ou lhe fazíamos em casa uma visita, acolhia-nos Pombo de braços abertos, pedindo-nos lisonjeiramente artigos, ou deixando-nos acariciar ao colo um dos seus adoráveis filhinhos, se era na encantadora atmosfera do lar.<sup>29</sup>

Assim, os intelectuais utilizaram diversos espaços de expressividade, principalmente por meio de periódicos, como forma de aparato ideológico aos temas sobre os quais eram requeridos ou desejavam se manifestar. Para este grupo, especificamente, o ímpeto reformista mostrou-se como processo de mediação política e cultural. E além disso, a vontade por mudanças tornava-se

---

<sup>28</sup> Op cit. p.86.

<sup>29</sup> VÍTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. vol. 3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.67.

uma lógica palpável, como assinala Elias Tomé Saliba ao analisar as características da vida privada no início da República.

Toda a geração de intelectuais, jornalistas e pensadores brasileiros que viu nascer a República esforçou-se para forjar um conhecimento sobre o Brasil em todas as suas peculiaridades, pois aquele momento, que se seguiu ao advento da República, parecia uma rara, e talvez única, oportunidade histórica de o país se pôr no nível do século, integrando-se de uma forma definida no mundo ocidental. O advento da República e os efeitos combinados da nova expansão europeia na Belle Époque representaram uma esperança para as gerações de pensadores no início do século XX. Mas, dotados de um equipamento intelectual herdado das linhagens ideológicas positivistas e evolucionistas – equipamento este já originado de uma situação de crise da racionalidade cognitiva –, acabariam oscilando entre a adoção de modelos deterministas e a reflexão sobre suas implicações; entre a exaltação de uma ‘modernidade nacional’ e a verificação de que o país como tal, era viável.<sup>30</sup>

De acordo com Caroline Marach (2014), a entrada de muitos intelectuais em escolas literárias no final do século XIX foram reflexos diretos do contexto e efeitos caóticos da Revolução Federalista no ano de 1894, no estado do Paraná. Para a pesquisadora, o impacto desencadeado pela revolução transformou profundamente a produção dos escritores paranaenses, ao passo que a compreensão da repercussão do evento histórico não deve ser ignorada. Porém, ressalta-se

[...] que o fato desses escritores haverem se voltado exclusivamente para a literatura não deva ser compreendido como uma postura de alienação com relação ao meio político. Parte do silêncio em relação às questões desse meio revela, primeiramente, que mesmo passada a revolução, o contexto ainda era de tensões, temores e censura. Também exprime certa desilusão para com o regime recém-instaurado, defendido por eles tão arduamente na década anterior.<sup>31</sup>

As mudanças na vida pessoal de Rocha Pombo durante o período da Revolução Federalista foram radicais. Em virtude do avanço das tropas para o

---

<sup>30</sup> SALIBA, Elias T. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 296.

<sup>31</sup> MARACH, Caroline B. **A literatura como via de reconstrução nacional**: O contexto curitibano no período posterior à Revolução federalista (1890-1900). Revista História e Cultura, Franca-SP, v.3, n.1, p.70-89 p. 2014, p.75.

Paraná, para preservar a sua família e mantê-la, decide mudar-se para Paranaguá em 1893 por um emprego de despachante no porto. De acordo com Nestor Vitor<sup>32</sup>, amigo pessoal do intelectual, essa mudança afetou inclusive a saúde física do intelectual, além da falta de tempo para dedicar-se à escrita:

O inevitável colapso da imprensa que representasse por qualquer modo uma opinião propriamente livre. Era, pois, para pobres jornalistas como ele o regímen do jejum e do terror, mais do que para os outros. [...] Pombo, nascido e criado que foi na faixa litorânea, anêmico, dispéptico, andou sempre mais ou menos valetudinário enquanto viveu Serra acima. O clima frio agradava-lhe sobremaneira os sintomas de sua diátese artrítica. É de calcular, portanto: naquele tempo ainda mais doente ele ficou. Além disso, homem sensível, homem verdadeiramente apiedado, teve de andar salvando os perseguidos que pôde salvar, mesmo com risco, e estremecendo horrorizado diante dos crimes atrozes que ninguém pôde impedir.<sup>33</sup>

O contexto vivenciado por Rocha Pombo, principalmente com o cenário político local, possibilitou a ele um olhar diferenciado do contexto. Com a literatura como meio de debate para as questões sociais, Rocha Pombo conseguiu traduzir suas inquietações no texto poético e literário. Passou a organizar suas considerações sobre a responsabilidade cívica, dentro do que considerava como inerente ao cidadão paranaense. Aos que estivesse consciente da moral reformista, digna para o desenvolvimento da província e do país, as obras alcançariam o objetivo do debate reflexivo diante das reais causas que poderiam ocasionar uma mudança social.

---

<sup>32</sup> Nestor Vitor (1868-1932) foi escritor, poeta, redator, crítico literário, professor e intelectual abolicionista. Paranaguara, mudou-se para Curitiba com vinte anos e passou a integrar diversos grupos literários e abolicionistas, como o Club Coritibano, a redação do jornal Livre Paraná e a Confederação Abolicionista do Paraná. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a dialogar com o cenário literário do Simbolismo. Tornou-se crítico literário e admirador do estilo de Cruz e Souza. Auxiliou Rocha Pombo na fixação na cidade do Rio de Janeiro em 1897. Atuou como professor e vice-diretor do Colégio Pedro II. Mudou-se para Paris, onde passou a ser correspondente jornalístico de *O Paiz*. Foi o divulgador de diversas obras estrangeiras. No retorno ao Brasil, em 1905, continuou com o trabalho de crítico literário, cronista e poeta. Faleceu no Rio de Janeiro aos sessenta e quatro anos. (MURICY, Andrade. Prefácio. In: VITOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969-1979).

<sup>33</sup> VÍTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. vol. 3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.70.

### O texto poético como meio de reflexão sobre a reforma social

Para sistematizar a dinâmica de escrita que associasse moral, civilidade e espírito reformista, ele precisou apoiar-se em uma narrativa que legitimasse suas justificativas de questionamento social: a História. Para Rocha Pombo, o estudo da História permeava todas as esferas culturais, não somente a academia ou os livros didáticos. O uso de crônicas históricas, poemas e obras ficcionais como meio de valorização deste aprendizado tornou-se o método para o diálogo com a sociedade.

Como forma de evidenciar estes ideais para os indivíduos, lançou exemplos para serem seguidos, ou pelo menos problematizados pelos seus leitores. No romance publicado em 1883, *A religião do belo*, ele fez uma análise sobre o político George Washington e como este sujeito histórico poderia representar um exemplo de líder estadista para as nações.

Ah! Se êste incomparável exemplar de homem chegasse também a ter culto em todas as outras repúblicas do continente! Como seria tão diversa, desde a Independência, a história do Novo Mundo! É certo que a terra se acha ainda dividida em pátrias; que o preconceito de raças, as diferenças de religião e de línguas separam ainda os povos. Há, no entanto, uma religião que alia tôdas as raças e que se encontra no fundo de tôdas as consciências: é a religião da justiça, o culto da beleza moral, edificante e purificado. É por essa religião que os espíritos, em todo mundo, se reconhecem. O sábio da China é tão nosso, como o nosso irmão de sangue.<sup>34</sup>

Segundo o intelectual, o político George Washington havia sido um líder justo, sensato, e deveria ser considerado um exemplo para os cidadãos do Brasil e das Américas. *A religião da justiça* pregada por Washington, segundo Rocha Pombo, ultrapassava os limites geográficos e ela teria que ser utilizada como modelo e admiração, independente do país e dos problemas morais ou sociais. As

---

<sup>34</sup> ROCHA POMBO, José F. *A religião do Belo*. 1883, apud PILOTO, Valfrido. **Rocha Pombo**. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda, 1953. p.16.

diferenças entre as nações não eram consideradas por ele um impedimento para a valorização de princípios morais de grandes líderes.

Seus poemas estavam relacionados entre epopeias históricas e dramas ficcionais de personagens. Assim, utilizando os personagens como exemplos, exaltava-os como pitorescos ou dignamente heroicizados. Tem-se como exemplos os poemas *Nova crença* (uma análise subjetiva entre a história das grandes civilizações e os clássicos como Homero e Dante), *Plano de uma epopeia* (evidenciando um relato bíblico e histórico sobre a propagação da humanidade nos continentes) e *O terror* (referenciando a fase da liderança jacobina da Revolução Francesa).

Todos estes poemas foram publicados na Revista do Club Coritibano, nas edições do ano de 1894 e 1895. Observa-se mais precisamente como Rocha Pombo utilizava-se da história como experiência de reflexão aos seus leitores, evidentemente também como estratégia discursiva ao mudar o gênero textual. Os heróis, sujeitos moralmente constituídos por uma trajetória histórica em ascendência evolutiva, eram as temáticas que o intelectual usava com maior frequência. Utilizando-se de sonetos, uma construção típica do lirismo, demonstrou talvez sua tentativa de proximidade do gênero clássico do período. Assim, demonstrava-se inserido na métrica contemporânea a ele e ainda ao exaltar bons exemplos, utilizou da poesia como meio de exemplificar a sua ótica moral.

Rocha Pombo chamava a atenção para o que considerava como bons ou maus eventos da história da civilização mundial. O tema polêmico da insurreição popular cataclísmica é exaltado para analisar a continuidade dos eventos apesar do caos dos tempos revolucionários. No poema *O terror*, abordou de forma poética uma das fases da Revolução Francesa, a da Convenção Republicana (1792-1794). Para ele, a história, a literatura e a poesia poderiam se aliar para transmitir algumas mensagens como a análise da moral ou do civismo dos sujeitos históricos em suas épocas.

### O TERROR

Ruge feroz a multidão que avança  
Sob o clamor que estronda. Se esboroa  
Todo o vasto edifício, e a alma da França  
Pelo universo além gemendo atroa.

Tombam cabeças mil. A que povoa  
Turba brutal a praça, onde descança  
O sinistro aparelho em que se escoa  
O sangue, a via e – Deos! – tanta esperança,

Apenas deixa ouvir esse uivo horrendo  
Que os monstros teem quando digerem...Scismo  
N'aquelle horror, Jesus, e me suspendo!

E então pensar que todo aquelle abysmo  
Passa... e saber que o mundo ainda vivendo  
Fôra, passado o estranho cataclysmo!....<sup>35</sup>

Ao analisar uma poesia épica, observa-se primeiramente a sua característica principal, a comunhão entre a narrativa histórica e a ficcional. Para isso necessita-se, de igual maneira, de uma abordagem diferenciada, pois este tipo de poesia possui um estilo prosaico que foge da necessidade de observação de suas metáforas. Mesmo tendo uma narrativa sequencial e sendo uma construção histórica, acaba por elaborar uma “prosa versificada”.<sup>36</sup> Ou seja, apesar de ser um texto poético, observa-se que o interesse da narração está na transmissão dos eventos históricos, mas, principalmente, na reflexão sobre eles.

O estilo poético utilizado por Rocha Pombo foi a de um soneto, uma composição que possui quatorze versos com número variado de sílabas e tem por característica duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos. Essa escolha feita pelo autor não foi aleatória. O sistema utilizado possibilitou a demonstração de uma aproximação com o estilo clássico da literatura. Evidenciava, também, o interesse pelas escolas literárias de seu período, como o Parnasianismo e o Simbolismo, mesmo estas sendo diferentes em estilo e composição.

---

<sup>35</sup> ROCHA POMBO, *Revista do Club Coritibano* 15/05/1895, p. 4

<sup>36</sup> MOISÉS, op cit , p. 44.

O soneto utilizado, enquanto uma poesia épica, passou a ser uma síntese para a análise sobre as ações dos homens em determinados processos históricos. Enquanto soneto, carrega a marca artística da literatura como contemplação. O objetivo direto de Rocha Pombo estava em referenciar a reflexão sobre as implicações do caos para uma população. Mesmo tendo o horror como consequência direta, não suprimiu o potencial de mudança social das massas e como isso poderia servir de exemplo. A Revolução Francesa foi considerada por ele como o caminho que possibilitou concretizar a vontade e a esperança da população. Os meios para a transformação, mesmo que seletivos, ora exaltando os terrores dos assassinatos brutais, ora a força renovadora da revolução, possibilitaram um exemplo de mudança social.

Outro ponto de análise é a exaltação à crença – *Deus e Jesus* –, confirmando uma mediação divina a que o leitor é direcionado a compreender enquanto uma moral reflexiva. Porém, até mesmo essa moral aparece com dois argumentos principais. Primeiro, quando exalta a esperança na revolução, mesmo com o derramamento de sangue consistiu em um auxílio divino, uma justiça (celestial) que atendesse aos anseios da vontade popular.

O segundo argumento de análise, após o período do horror, ao clamar à divindade pela intervenção, demonstrava-se como um elemento apaziguador, de confiança aos ditames divinos. Seja de temor, de respeito ou de esperança, os fatos decorridos precisavam do auxílio divino. A exaltação a Jesus ou a Deus, mesmo que por interjeições, respondia a vontade do poeta em reverenciar a vontade divina que compunha os processos históricos. Ao bom leitor caberia, portanto, observar como a análise da História pode ser um instrumento de reflexão sobre as paixões, medos e potencialidades do ser humano.

Na revista *O Cenáculo*, o intelectual também publicou poemas utilizando a reflexão social como marca de sua produção. O periódico foi fundado em 1895 por escritores<sup>37</sup> membros do Club Coritibano que buscaram, através da

---

<sup>37</sup> A revista foi fundada por Dario Vellozo, Silveira Neto, Júlio Perneta e Antônio Braga. Fizeram parte também das primeiras duas fases da revista: Rocha Pombo, Leôncio Correia, Domingos Nascimento e Tito Vellozo.

publicação independente, outro canal de diálogo com as necessidades que vislumbravam para o Paraná.

Era claro para aqueles escritores que sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, a proposta de O Cenáculo era de se tornar expressão daqueles que viam a literatura como esfera fundamental para a reconstrução do país em termos artísticos e culturais. Para o reavivamento da literatura no Paraná, um dos desafios a ser enfrentado pelo grupo de O Cenáculo era lutar contra uma sociedade considerada indiferente.<sup>38</sup>

A literatura estava para este grupo de intelectuais, como analisa Marach, como um aparato para o diálogo com uma sociedade em desenvolvimento. Rocha Pombo, pertencente ao grupo de escritores, buscou evidenciar as suas prerrogativas sobre a educação moralizante por meio de suas utopias e personagens.<sup>39</sup> O intelectual apresentou um trecho do seu poema *In excelsis!* no primeiro número da revista. A escolha deste poema trazia o tema da ascensão social observada pela análise de um personagem louco, um doido que se apresenta como lúcido. Como um sujeito geralmente compreendido na exceção à regra social, no métrica do poema suas análises demonstram maior lucidez que os demais agentes da sociedade.

EXCEPTO

(Do poema *In excelsis!*)

O pobre doido! Sublime como a própria loucura!  
Quanta cousa nos disse!

Olhae – tornou a falar de repente, agitado e abrindo uns grandes olhos faiscantes para o ceo – vêde a enorme águia branca que sobre... Olhae! Lá foi para as alturas... Lá pousou sobre o pináculo da cordilheira infinita...Vêde como ella tem na magestade do olhar todo o sensualismo da gloria... Mais ai!... silencio, coração!... a águia entristece... tem os olhos velados de uma angustia sem fim...

---

<sup>38</sup> MARACH, Caroline B. **Discursos e linguagem na revista do clube curitibano (1890 a 1912)**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. p.123.

<sup>39</sup> QUELUZ, Gilson Leandro. **Rocha Pombo: Romantismo e Utopias (1880-1905)**. Dissertação (Mestrado em Historia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994. p.133.

Estou lendo no seu pensamento.... Ela sente as amarguras da glória, porque lembra-se de que até ali também podem ir os reptis, as lesmas.<sup>40</sup>

O tema da loucura retornará às análises do intelectual no livro *No hospício* (1905), mas para ele a insanidade mental é questionável quando se compreende a natureza do homem. Usando como instrumento de diálogo e debate a fala de seus personagens, percebe-se que para Rocha Pombo aqueles referenciados como insanos possuem elucidações e aparentam ser mais conscientes do que os considerados sadios.

Outro exemplo utilizado por Rocha Pombo neste poema estaria na analogia ao mundo animal, como um julgamento sobre a ascensão social de um ser humano, na qual as pessoas poderiam ser similares aos animais. Ele comparou, por exemplo, uma águia com um indivíduo bem-sucedido. Diante disso, mesmo tendo alcançado o sucesso, ela compreendeu que com suas habilidades distintas – a águia como símbolo de força animal – alcançou o topo da montanha, mas sentiu-se igual aos demais seres vivos que por outros meios poderiam alcançar o topo. Nesta fábula, compreende-se a valorização dada por Rocha Pombo, novamente, às potencialidades humanas. Independente das habilidades físicas, o ser humano poderia ascender em seus objetivos pessoais. Porém, ressaltava a forma contraditória da ascensão social, pois mesmo os desprovidos de qualidades distintas como as do homem bem-sucedido, segundo o intelectual, poderiam elevar-se. E para aquele que tivesse atingido o sucesso, ainda caberia mais uma análise moral, a consciência para observar àqueles que ainda estavam em estágio inferior, seja no reconhecimento de seus esforços, seja a percepção de que a ascensão social ocorre indiferente às vezes da moralidade do ser. Caberia ao bom cidadão saber distinguir entre quais as qualidades/vicissitudes desejaria estar relacionado.

Essa caracterização da moral, das responsabilidades do indivíduo para com a vida e, diretamente, com a sociedade, também foram exploradas no poema

---

<sup>40</sup> O CENÁCULO, 1895, tomo 1, p. 9.

*Fragments*, texto publicado na mesma revista, no segundo fascículo de 1895. Abordando a consciência de autocrítica moral para os indivíduos, disse ele:

Uma criatura não pode viver sem adiantar-se, sem fazer proveitosa o mais possível a existencia. Um dia sem progresso moral me parece um attentado gravissimo contra a propria personalidade. De certo que conheceis alguns homens que se contentam de subsistir; isto é, que julgam-se felizes e passam tranquillos e despreoccupados de tudo, desde que vão ganhando o seo vintem para o pão do dia. Mas é necessário que nos lembremos disto: **um homem, além de todos os deveres que resultam das relações em que se acha no mundo, tem ainda deveres consigo proprio**, deveres aliás que não me parecem de modo algum menos imperiosos.<sup>41</sup>

Observa-se que apesar de não ter uma concepção formativa sistemática sobre os indivíduos, os seus objetivos sobre a instrução, a moral e a responsabilidade cívica aparecem por meio de seus textos. Em especial, a moralidade, bem como o civismo, foram os temas mais recorrentes em seus escritos, principalmente os literários.

Como uma das características desses ideais, nota-se que, para ele, a moralidade – voltada para a educação pessoal – e o civismo – compreendido enquanto a noção de pertencimento do indivíduo responsável às necessidades de sua província/pátria – consistiam na base de seus escritos. Ilustrar-se era a característica máxima para que ocorresse o bom desenvolvimento social. Esta qualidade exigida não era tão somente exclusiva ao pensamento de Rocha Pombo, mas estava posto como um anseio dos literatos de seu tempo.<sup>42</sup>

### **Considerações Finais**

Com uma vasta produção em todas as cidades em que morou, Rocha Pombo compôs uma expressiva demanda de discursos sobre os seus posicionamentos reformistas. Encarar a fonte literária como uma publicação que carrega estes

---

<sup>41</sup> O CENÁCULO, maio de 1895, fasc. II, p. 32, grifo nosso.

<sup>42</sup> SEVCENKO, 1985, p. 225.

discursos, cercada pelas intenções de sua produção, constitui-se um meio produtivo de análise.

Para Rocha Pombo, a História teria deixado exemplos a serem seguidos ou analisados. Assim, as figuras de líderes ou épocas da história universal deveriam não somente ser conhecidas, mas analisadas e refletidas como um meio para a formação do caráter do cidadão. De tal modo, a análise do passado, seja em forma de crônicas históricas ou de cunho poético e literário, constituiriam o mundo social vivenciado pelo intelectual.

Por ter exercido inúmeras profissões ao longo da sua trajetória, Rocha Pombo pode ser visto como um intelectual que buscou atuar em diversas áreas e, em cada uma, dialogava com as suas exigências ao mesmo tempo que produzia os seus objetivos. Nessa relação entre o indivíduo e os campos de atuação, Rocha Pombo pode também ser analisado enquanto um indivíduo *polígrafo*, ou seja, que elabora e tira o seu sustento por meio de escritos em diversas áreas. Porém, de todas as formas que mais se destacou foi na literatura, e particularmente na poesia, que buscou maior sensibilidade de seus leitores.

Mostrou-se contraditório ao permanecer, na maioria das suas obras, com o tom otimista e esperançoso por um futuro promissor ligado à evolução das pessoas e das sociedades. Na sua escrita literária, ao defender os seus argumentos por meio da fala de suas personagens, as escolas literárias e filosóficas nas quais buscava referência poderiam estar associadas de acordo com as conveniências dos grupos dos quais esteve inserido. Ao se associar, por exemplo, ao Simbolismo brasileiro, não via como uma contradição a sua entrada para a lógica de escrita historiográfica relacionada ao Positivismo ou ao Darwinismo social.

A ideia de reforma estava presente em a diversos contemporâneos de Rocha Pombo. Porém, destacam-se as suas estratégias e expressões das produções jornalísticas, literárias e historiográficas como meio de observação sobre os diversos tipos de reformismo social empregados por ele. Rocha Pombo não era a exceção e sua geração utilizava-se do discurso reformista como uma possibilidade de diálogo, por vezes semelhantes, mas contraditoriamente

polarizados, para apresentar mudanças da sociedade do período. Cabe, portanto, a necessidade de identificá-lo como um reformista, pois propunha mudanças sociais, porém, tais propostas passam a ser analisadas quanto os seus repertórios nacionais e estrangeiros na tentativa de verificação da essência e constituição dos argumentos. Ao conseguir analisar qual era o tipo de reformismo proposto pelo intelectual, evita-se generalizações quanto a sua participação em diversos grupos sociais.

Recebido em: 01/09/2018

Aprovado em: 22/12/2018